

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A fada que tinha ideias*. 28. ed. São Paulo: Ática, 2016

Dayse Rodrigues dos Santos

Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão

dayserodrigues180@gmail.com

Escrever para crianças exige amor e conhecimento de seu mundo. Ninguém gosta do tom moralizante de alguns livros. A recreação e a comunicação andam juntas e aproximam os homens “recreação é, portanto, tudo quanto diverte e entretém o ser humano e que envolve a sua ativa percepção” (AMARAL, 1986, p. 110). Uma boa obra deve desbravar o psiquismo infantil, o que ocorre com o livro *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida, e ilustrado por Edu. Lançada em 1971, a obra está atualmente em sua 28ª edição em 2016 com o mesmo projeto gráfico inicial. Para Regina Zilberman (1986), a numerosa reedição da obra “não apenas ratifica a todo o momento a viabilidade de se ler sua obra, conferindo-lhe atualidade e permanência, como induz a via da criatividade como meta a ser perseguida pelos criadores brasileiros de nossos dias” (p. 112 – 113).

A protagonista Clara Luz era uma fadinha muito criativa que morava com sua mãe, a Fada-Mãe, no mundo das fadas. Esse mundo era governado pela rainha, uma fada muito tradicionalista que exigia que todas as moradoras estudassem o livro de magias. Esse livro e a rainha representam a tradição, a ordem e a hierarquia da sociedade. O fato era que Clara Luz não queria estudar o livro e sim criar e inventar suas próprias mágicas. A mãe dela tinha medo de que a rainha descobrisse que sua filha nem ao menos concluiu a primeira lição e que tinha suas próprias ideias.

As ideias de Clara Luz (e suas mágicas) sempre foram de boa intenção, mas às vezes causavam pequenas confusões que ela mesma conseguia resolver. Como toda inovação, as ideias e ações da pequena fadinha causaram espanto, repulsa e até certo pavor. A fadinha colocava todas as suas ideias em prática e acabou conquistando todos os moradores. Sua professora de Horizontologia também aprendeu com a menina muita coisa sobre o horizonte, inclusive que havia vários deles. Essa parte mostra como é necessário o conjunto teoria e prática e, não obstante a importância que se tem em reconhecer que se pode aprender com os alunos e que há vários horizontes, não somente um.

Building the way

A rainha tomou conhecimento das ideias de Clara Luz porque uma de suas mágicas tinha vida e invadiu o castelo. Imediatamente a senhoria convocou todas as fadas do reino e queria que alguém explicasse o que estava acontecendo. Como todo soberano que se preze, a rainha aterrorizou suas conselheiras e todos os moradores. Durante a reunião as fadas desmaiaram de medo, ficando somente a professora, a Fada-Mãe, e Clara Luz que se explicou dizendo a verdade e conquistando a rainha, que a fez sua principal conselheira, visto que a menina realmente tinha excelentes ideias.

Assim, entende-se que a literatura é tão valiosa para a infância, pois ela tem o papel de resgatar o essencial do humano e do imaginário.

O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica (ZILBERMAN, 1986, p. 107).

Um olhar conservador vê a criança incapaz de significar o mundo. Assim, surge a literatura pedagógica e utilitária. Já os olhares que desafiam e revolucionam revelam um olhar inovador. Segundo Fernandes (2013), “na integração do verbal com o visual, o novo texto permite a recriação do discurso oral, de modo que o que mais importa é o modo como é dita a mensagem” (p. 46-47). Isso confirma como o leitor atribui significado à leitura, estabelecendo laços subjetivos com a literatura.

As ilustrações e as palavras que revelam sem mostrar iscam o leitor, ao longo das 64 páginas de *A fada que tinha ideias*. Assim, “o estético, o poético e o imaginário no mundo infantil, [atuam] como fontes de afinidade entre a literatura e os universos infantil e juvenil” (FERNANDES, 2013, p. 44). O receptor que participa da história é conquistado pelo modo de narrar. A linguagem acessível ao público a que se destina também importa, pois possibilita “permitir ao leitor recriar a obra lida, mantendo, assim, um diálogo imaginativo e rico” (FERNANDES, 2013, p. 52). Ainda segundo o pesquisador supracitado, “sem dúvida, a “educação pela arte” desmistificaria o mito de que a criança e o jovem, como receptores, engendram a realidade como se lhes apresenta aos olhos” (FERNANDES, 2013, p. 53).

Dentre as questões humanizadoras abordadas no livro, pode-se elencar o fato de dizer a verdade mesmo em situações ameaçadoras e como a criatividade

Building the way

acaba cativando até mesmo os mais tradicionalistas, abrindo-lhes os horizontes como fez a pequena fada do livro. Portanto, o desenvolvimento da leitura de literatura na infância é essencial para o exercício da humanidade, oferecendo ao leitor maiores competências e possibilidades de inserção social. Vivenciar a literatura é quando a vida não basta, evidenciando a necessidade de abstração para o desenvolvimento da psique do leitor. Assim, ampliar o imaginário e fortalecer a relação que ele tem com a leitura literária mostra-se essencial para a formação do leitor infantil.

214

Referências

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A fada que tinha ideias*. 28. ed. São Paulo: Ática, 2016.

AMARAL, Maria Lucia. *Criança é criança: literatura infantil e seus problemas*. 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

FERNANDES, Geraldo Augusto. Os olhares estéticos da criança. In: LAURITI, Thiago; CHRISTAL, Wendel Cássio. (Org.). *Literatura infantil e juvenil: abordagens múltiplas*. Jundiaí: Paco editora, 2013. p. 43 – 57.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: ZILBERMAN, Regina (org). *A produção cultural para a criança*. 3. ed. - Porto Alegre: American Health Care Association Journal, 1986. P. 93 – 115.